

# IDENTIDADES RELIGIOSAS NO ROMANCE *MARAJÓ* DE DALCÍDIO JURANDIR

Ivânia dos Santos Neves (UFPA)<sup>1</sup>

Eleni Bonifácio Rabelo (UNAMA)<sup>2</sup>

**Resumo:** O romance representa uma das mais importantes obras de Dalcídio Jurandir escritor marajoara, identificado pela crítica como um dos cânones da literatura de expressão amazônica. O livro, cuja narrativa se passa na cidade de Ponta de Pedras, no arquipélago do Marajó, localizado na foz do Amazonas, junto com outros nove romances do escritor, compõe o “Ciclo Extremo Norte” e revela, com primazia literária, a complexidade histórica e cultural da região. Aqui, tomaremos como objeto de estudo, especificamente, as práticas religiosas e suas diversidades culturais, a partir dos personagens Manuel Rodrigues, Mestre Jesuino e Nhá Leonardina. Este artigo considera o gênero romance como um universo de linguagens múltiplas que apresenta ao leitor condições socioculturais capazes de revelar, com riqueza de detalhes, as práticas culturais das sociedades em diferentes momentos históricos. Também nos fundamentamos nas discussões que propõem a identidade como um processo sempre em construção, que se inscreve numa tensão entre o local e o global. Finalizando nossas referências, procuramos nos fundamentar em estudiosos da obra de Dalcídio Jurandir e pesquisadores que investigaram as práticas religiosas na Amazônia. A construção dos três personagens deixa ver como a religiosidade destas populações marajoaras se constituem com as práticas religiosas estabelecidas pela colonização portuguesa e pelas cosmologias indígenas, africanas e de outras tradições que chegaram e continuam chegando à região.

**Palavras-chave:** identidade cultural; sociedade; religiosidade; Dalcídio Jurandir; Marajó.

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia e da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: [ivanian@uol.com.br](mailto:ivanian@uol.com.br).

<sup>2</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia.

## Introdução

Desde o período da colonização europeia no Brasil, diversas práticas culturais e religiosas traduzem-se no que hoje se entende como cultura popular amazônica. Neste sentido, a leitura da obra *Marajó* de Dalcídio Jurandir<sup>3</sup>, (1947/2008), possibilita-nos visualizar a consistência dessa temática, a partir da forma peculiar de narrar que Dalcídio Jurandir adota, para expor ao leitor as singularidades sociais da Amazônia marajoara.

A maneira de este escritor marajoara elencar fatos e acontecimentos, que caracterizam o modo de vida da população marajoara, permite conhecer as experiências vividas por “aquela gente de pé no chão”. A luta contra a desigualdade social, política e econômica estabelecida pelo poder dos grandes fazendeiros que dominam as terras do arquipélago do Marajó, denunciada na obra de Dalcídio, ainda é bastante silenciada pela história oficial do Brasil.

Aqui, não trataremos de toda a complexidade traduzida sobre a região no romance *Marajó*, tomaremos como objeto de estudo, especificamente, um significativo aspecto desta complexidade: as práticas religiosas e suas diversidades culturais. A partir dos acontecimentos com três personagens do romance que envolvem suas diferentes identidades religiosas.

Este artigo está dividido em três eixos centrais. O primeiro apresenta o escritor Dalcídio Jurandir, o que pensa a crítica a respeito de sua literatura no cenário local e global. Na sequência, enfatizam-se características do livro *Marajó*, considerando sua importância literária, como um romance construtor de diversas linguagens, sobretudo a religiosa. Na parte final, o mundo cosmológico de encantarias marajoaras, representado no romance, pelas práticas religiosas cristãs, espíritas e pajeísticas.

## Sobre Dalcídio Jurandir

Nasceu em 10 de janeiro de 1909, em Ponta de Pedras no Marajó, arquipélago localizado no estuário do rio Amazonas, no extremo norte do Brasil. Filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, passou sua infância na então Vila de Cachoeira do Ararí, também no Marajó. Em 1940, recebeu uma das mais importantes lãureas literárias brasileiras da época, o Prêmio Dom Casmurro de Literatura, pelo romance *Chove nos Campos de Cachoeira*. Mais tarde, em 1972, recebeu da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Machado de Assis atribuído ao conjunto de sua obra. Durante a entrega, Jorge Amado afirmou a Dalcídio Jurandir:

Com o maior prazer saúdo o romancista Dalcídio Jurandir, hoje aqui presente nesta Academia Brasileira de Letras para receber o Prêmio

---

<sup>3</sup> Escritor paraense, nascido no município de Ponta de Pedras no arquipélago do Marajó. Seus nove romances que compõem o Ciclo Extremo Norte fazem um desenho delicado e profundo das práticas culturais das populações amazônicas, na primeira metade do século XX. Comparado a Guimarães Rosa, e Érico Veríssimo, Dalcídio Jurandir (1909-1979) traz a fala e a complexidade da vida do homem amazônico para seus romances.

Machado de Assis, atribuído ao conjunto de sua obra; trata-se das mais importantes de nossa ficção em qualquer tempo. Romancista que não se parece com nenhum outro dos grandes ficcionistas brasileiros, marcado por um perfeito equilíbrio de linguagem de extremo bom gosto. Trabalhando o barro do princípio do mundo, do grande rio, a floresta e o povo das barrancas, dos povoados das ilhas, da ilha de Marajó, ele o faz com a dignidade de um verdadeiro escritor, pleno de sutileza e de ternura na análise e no levantamento da humanidade paraense, amazônica, da criança e dos adultos, da vida por vezes quase tímida ante o mundo extraordinário onde ela se afirma (Jurandir 1997:10).

Além dos Prêmios recebidos merecidamente, foi agraciado pelo filósofo Benedito Nunes (2006: 126), como o “introdutor da paisagem urbanística da Amazônia na literatura brasileira de ficção” por assim apresentar em suas obras cenas e histórias reais do cotidiano do povo amazônico através da ficção que só ele sabia criar.

É também reconhecido por utilizar uma temática ligada ao cenário natural e aos costumes bem tradicionais do arquipélago de Marajó. Além disso, o romancista ocupa um lugar peculiar entre os regionalistas brasileiros de sua época, como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Jorge Amado e José Lins do Rêgo.

No romance *Marajó* (2008), Dalcídio Jurandir demonstra preferência pela classe dos menos favorecidos, como ele mesmo disse: “Meu romance, sim, toma partido, minha visão de mundo não se inspira em Deus nem no Demônio nem no Bem nem no Mal, mas nesta vida em movimento, em que há classes sociais em luta.” Na literatura paraense, o autor foi contemporâneo de outros grandes escritores como Bruno de Menezes e Eneida de Moraes, (Pará 2008: 34).

Embora Dalcídio Jurandir tenha se destacado entre autores regionalistas brasileiros de sua época, a crítica literária insiste em não dar a este escritor, o reconhecimento devido na literatura brasileira. Para Paulo Nunes (2007: 18-19):

É fato que um cânone é constituído pela tríade: obra, leitores (aí a crítica literária tem papel preponderante) e mercado. E o cânone literário, no Brasil, tem, tradicionalmente, primado por centrar seu olhar nas obras produzidas no centro-sul, o espaço mais desenvolvido, porque mais rico, do país. Os autores das periferias que desejarem alcançar algum êxito, devem, geralmente, deslocar-se para o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, onde as editoras e a imprensa especializada detêm espaço privilegiado para manifestar-se. Neste diapasão encontra-se a obra de Dalcídio Jurandir, que, desde 1941, quando lança *Chove* (Prêmio Vecchi/ D. Casmurro), até 1979, quando veio a falecer, não foi ignorada pela crítica literária nacional. Após sua morte, entretanto, o autor passou quase trinta anos fora das grandes casas publicadoras do Brasil.

Segundo este pesquisador, esta indiferença por parte dos atuais críticos literários à obra de Dalcídio Jurandir está relacionada ao fato de que os grandes

historiadores e críticos da literatura não conhecerem a fundo as obras que compõem o *Ciclo Extremo Norte*. Como exemplo disso, vejamos o dizem Coutinho e Sousa Jr. (2001: 891) sobre Dalcídio Jurandir:

Embora de cunho regionalista, com aproveitamento dos localismos, [os romances de Dalcídio] são introspectivos e de base autobiográfica. Entre o pitoresco da região e de sua linguagem, e a visão social da condição humana, o autor desenvolveu a sua ficção, que para alguns às vezes se apresenta algo hermética, confusa. Mas o fato é que DJ trabalha em outro nível de linguagem literária, mais para a recriação artística do que para a repetição regionalista.

A este pensamento, Nunes (2007) destaca a visão equivocada dos autores por evidenciarem, no trecho acima, que Dalcídio Jurandir apresenta em suas obras uma linguagem “hermética, confusa”. Para Nunes dizer que a obra dalcidiana possui linguagem “confusa” é a mesma coisa que menosprezá-la, além de negar a qualidade de elaboração de uma obra, que se apresenta alinhada às exigências da narrativa contemporânea.

Assim como Coutinho e Sousa Jr. (2001), muitos outros críticos da literatura brasileira, em suas análises superficiais dos romances do *Ciclo Extremo Norte* se equivocam ao lerem Dalcídio Jurandir. Contrário a essa indiferença, Paulo Nunes (2007: 17) afirma:

Tenho consciência, entretanto, de que se o contexto histórico-cultural em que a obra foi gerada é importante, importante também se faz a leitura desta obra, bem como a relação dialética que entre elas – a obra e a recepção dela oriunda – se estabelece. Estou certo de que a revalorização do romance de Dalcídio Jurandir dependerá de se criar uma nova recepção – de certo modo, já em curso –, composta de leitores eficientes, coisa que está sendo gestada, em algumas Universidades, sobretudo nas amazônicas.

Para este pesquisador, professor da Universidade da Amazônia, a literatura de Dalcídio Jurandir finca os pés na vastidão da floresta e águas amazônicas para recuperar o espaço perdido no cenário brasileiro. “Eis nosso desafio “escavar” o entre-lugar da voz ficcional amazônica no cenário do romance brasileiro e latino-americano. Dalcídio é um dos grandes ficcionistas latino-americanos. E o futuro irá confirmar este fato” (Nunes 2006: 51).

### **Sobre o romance *Marajó***

O livro *Marajó* faz parte do *Ciclo Extremo-Norte*, composto por outras nove obras, que são assim denominadas por serem romances que possuem características regionalistas, visto que relatam o cotidiano do povo amazônico e seus mais tradicionais modos de vida. O livro foi publicado em 1947 pela Editora José Olympio.

Segundo Elizabeth Vidal (2003: 85) “no romance *Marajó* o discurso literário de Dalcídio Jurandir revela o domínio de um narrador sobre o assunto e o ambiente narrado”. O romancista apresenta fatos recorrentes à história e cultura do povo amazônico, as mazelas sociais, o sofrimento da *criaturada grande de Marajó*, o pensamento de uma sociedade falocêntrica, opressora, dominada por fazendeiros preconceituosos, que utilizam o poder, para escravizar e humilhar homens e mulheres *gente simples e tão sem ninguém*, que sobrevivem em oposição à abastança de ricos proprietários.

Em *Marajó*, o tempo da narrativa não se confunde com o tempo real, cronológico, cotidiano. O leitor é facilmente conduzido a outra temporalidade, por meio das histórias e recordações dos personagens. Estas idas e vindas no tempo ajudam a compor a forma irônica com que o narrador descreve os costumes e a vivência social do povo em sua ficção.

Conforme as classificações Bakhtinianas, o gênero romance constitui um universo de linguagens múltiplas que apresentam ao leitor condições socioculturais capazes de revelar com riqueza de detalhes todo um contexto social carregado de valores, crenças, religiosidades, costumes e outros fatores, que, de certa forma, marcam o tempo e a época em que o romance foi escrito. Ainda para o autor:

O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanescos (Bakhtin 1998: 74).

Neste sentido, compreendemos o romance *Marajó* como tradução das múltiplas vozes que compõem as sociedades marajoaras em todas as suas complexidades. Nas análises a seguir, vamos tratar especificamente de um dos aspectos culturais que constituem o romance, da diversidade religiosa dos moradores de Ponta de Pedras. Para isso, elegemos três personagens emblemáticos do romance, Manuel Rodrigues, que durante a narrativa assume diferentes identidades religiosas; o pajé Jesuino, a maior autoridade religiosa da pajelança, no romance; e Nhá Leonardina, uma mulher que se assume como pajé e precisa, em muitas ocasiões mostrar seus poderes religiosos, para convencer a sociedade local.

### **Identidades em movimento no arquipélago do Marajó**

Diante das contradições sociais tão comuns nas sociedades latino-americanas, o arquipélago do Marajó apresenta-se como um espaço que fascina, pelos encantos de sua gente, suas histórias, suas diferentes e por vezes conflitantes práticas culturais e religiosidades. A partir das formulações de Cucho (2002), podemos observar nas

sociedades locais uma identidade cultural polissêmica e isto se aplica às sociedades marajoaras.

Segundo Torres e Costa (2006:11), durante o período colonial, o arquipélago foi batizado pelo espanhol Vicente Pizón como “Ilha Grande de Joanes”. Em 1754 recebeu o nome de Marajó, que em tupi significa “barreira do mar”. O território é dividido em duas macrorregiões. A oeste, densas florestas inundadas e a leste campos de várzea, secos no verão e alagados no inverno. O território é formado por um conjunto de ilhas que constitui o maior arquipélago fluvial do mundo, com aproximadamente 49.606 km<sup>2</sup>. Está integralmente situado na foz do rio Amazonas, no estado do Pará e constitui-se numa das mais ricas regiões do país, em termos de recursos hídricos e biológicos. Para Pacheco (2009: 411):

As águas marajoaras gestam, então, relações de extrema dependência entre seres humanos e meio ambiente, reveladas nas sociedades, cidades, vilas ou casas flutuantes ali configuradas. A água é a grande metáfora da vida, pois dela, nela ou por ela emanam, correm e podem ser concretizadas todas as necessidades humanas, intelectuais e espirituais. Somente populações inseridas num sistema de símbolos e crenças são capazes de assegurar suas difíceis formas de vida e criar explicações para a existência de encantados, visagens, assombrações e seres míticos.

Por outro lado, o arquipélago Marajoara é também terra do açaí, de ritmos quentes, como o carimbó, o lundu, e, recentemente, um novo incentivo à produção da cerâmica marajoara passou a aquecer a economia local. De certa maneira, são elementos históricos que assim como a forte religiosidade, católica, protestante, espírita, pajeística e outras, também marcam as práticas culturais deste povo. Pela concepção de Cucho (2002), esta pluralidade constituiria as identidades, que ao mesmo tempo identificam o grupo e o distinguem dos outros.

Neste sentido, Stuart Hall (2006) nos aconselha a pensarmos em identidade cultural não como um fato, mas como uma “produção”, ou seja, algo que nunca está completo. Para o autor, a identidade cultural:

Não é de modo algum uma essência fixa que existe inalterada e aquém da história e da cultura. Não é um qualquer espírito universal e transcendental que nos habita e no qual a história não deixou nenhum traço fundamental. Não é um de-uma-vez-por-todas. Não é uma origem fixa à qual possa haver um regresso final e absoluto. É clara que também não é uma mera fantasmagoria. É *alguma coisa* – e não um mero truque da imaginação. Tem as suas histórias – e as histórias tem os seus efeitos reais, matérias e simbólicas (Hall 2006: 25).

É nesta perspectiva de análise que focaremos nosso olhar para o romance *Marajó*, de Dalcídio Jurandir (2008), considerado como uma das principais obras literárias do autor. No livro, a exemplo do que acontece em toda obra do escritor paraense, os aspectos sociológicos e antropológicos são apresentados com muita riqueza de detalhe e constituem a construção polissêmica de uma bela narrativa.

### Manuel Rodrigues: entre o folião e o espírita

Seguindo as concepções acima, podemos mergulhar no mundo cosmológico que Dalcídio Jurandir nos apresenta em *Marajó*, para conhecermos um pouco de como se constituem as identidades culturais religiosas de algumas de suas personagens. Vamos começar pelo personagem Manuel Rodrigues, que, antes de se converter à religião espírita, era devoto e chefe da comissão do Santo Ivo no recolhimento de esmolas pelo rio Arari. Em épocas de grandes safras de peixe, nos lagos do Marajó, Rodrigues saía cantando folia - rezando ladainha- e recolhendo os donativos de quem oferecia à festa do Santo Ivo. A imagem consistia apenas na cabeça do santo e na vila de Ponta de Pedras. Manuel Rodrigues contava a história daquela Cabeça: “Santo Ivo que sabia o paradeiro do Cristo, não quis denunciá-lo aos seus seguidores e por isso o degolaram. A imagem era a cabeça do mártir degolado. Eis porque se tornara o advogado das cabeças” (Jurandir 2008: 127).

A cerimônia de Santo Ivo era prestigiada pela comunidade marajoara porque representava a concorrência à festividade de Nossa Senhora da Conceição padroeira da vila de Ponta de Pedras. Podemos agora vivenciar um pouco da festa ao santo nas palavras de (Jurandir, 2008: 127):

Manuel Rodrigues convidava os mestres de ladainha, as velhas rezadeiras do rio, os antigos festeiros de santo que se sentiam atraídos pelo poder da Cabeça, pela sua história, estranha Cabeça rosada e mártir de quem não traiu o seu Mestre. Depois da ladainha, do leilão, dos presentes e das esmolas recolhidas, Manuel Rodrigues fazia o sinal para a música. Duas noites dançavam enquanto houvesse carne de porco e boi velho nas latas do fogão ou secando sob as moscas no jirau.

Passado um pouco mais de um ano, o ex-folião já convertido ao espiritismo relembra os tempos em que era devoto de Santo Ivo e diz que “a adoração das imagens, a cachaça, a folia e a farra eram a aprovação porque sem sofrimento não pode o homem chegar à luz” (Jurandir 2008: 131).

A mudança de Manuel Rodrigues incomodava as pessoas que o conheceram em seu ofício de folião-mor de Santo Ivo. Como podia ele renegar o tambor, o oratório, dizendo que os evangelhos espíritas o salvaram. Vejamos este trecho:

Ponta de Pedras pasmava. Manuel Rodrigues voltava de Belém formado em espiritismo, falando difícil, contando como sua vida mudou. Andava lento, ar profético, recusando a cachaça que os seus antigos camaradas e foliões de Santo Ivo lhe ofereciam. A vila não compreendia tal mudança feita em um pouco mais de um ano de ausência. Seria a força da nova religião? Teria mesmo morrido nele o devoto, o folião mor, o festeiro de Santo Ivo? (Jurandir, 2008: 127).

Nesta passagem da obra, o autor revela detalhadamente características de um personagem marajoara que transita entre uma religião e outra, num espaço onde as pessoas procuram se identificar espiritualmente a um determinado seguimento

religioso. Neste trecho da obra, Manuel Rodrigues vive conforme Hall (2006) nos explica, num momento de construção processual de identidade. Um ex-folião, que sem que as pessoas de Ponta de Pedras entendam o porquê, de repente deixa de acreditar nos santos católicos, dos quais era devoto e se torna um seguidor da religião espírita. Seu discurso religioso agora era outro: dizia na Vila que voltara de Belém para dar a luz aos espíritos dominados pelas trevas.

No romance *Marajó*, Manuel Rodrigues se constitui com uma perceptível incompletude identitária. O ex-folião transita por diferentes religiões, confuso em meio às múltiplas vozes religiosas a que é constantemente exposto. Existe, também, na construção de sua identidade religiosa, uma resistência à presença dos padres. Vejamos o que disse (Jurandir 2008: 131), neste outro trecho do romance.

Manuel Rodrigues disse a seu Nelson que Ponta de Pedras se findava assim por falta de fé no espiritismo. Os padres só queriam se regalar voltavam cevados e cheios do milho para Belém. Manuel Rodrigues sentia um grande espírito de luz baixar sobre ele. O espírito via as imensas desgraças da terra, tudo que havia de acontecer no mundo.

Podemos observar que o rapaz volta de Belém, a capital do estado do Pará, referência de urbanidade e modernidade na região, com um novo discurso religioso que também chega ao Brasil a partir de uma doutrina cristã produzida por intelectuais franceses, o espiritismo. Faz parte da doutrina desta então nova religião, nesta região, a incorporação e a reencarnação de espíritos, o que a aproxima das práticas de pajelanças e a distancia da igreja católica. Sobre estas práticas religiosas na Amazônia, Pacheco (2010: 01-02) afirma:

O mundo místico da encantaria brasileira tem, na Amazônia Marajoara, um de seus maiores lócus de existência. Região culturalmente gestada na confluência de matrizes indígenas, europeias e africanas, os marajoaras de campos e florestas, em seus modos de conviver com crenças nos poderes dos pajés, benzedores, curandeiros, pais de-santo, ao insistirem em curar seus corpos e de seus iguais na força desses saberes ditos tradicionais, continuam a perturbar a lógica racional/cartesiana, que orienta projetos globais a materializarem em culturas locais uma concepção de vida e religiosidade monolítica e europocêntrica.

No entanto, assim como mostra a ficção dalcidiana, as diferentes populações marajoaras da contemporaneidade também continuam marcadas por essas idas e vindas das pessoas que “buscam paz e atenção para a alma”, tanto nas igrejas católicas, evangélicas, espíritas, quanto em reuniões pajeísticas, que se constituem com muita fluência no cenário amazônico.



## O poder do pajé Mestre Jesuíno

Outro personagem que merece destaque no romance, por suas práticas religiosas, é o pajé Mestre Jesuíno. Ele representa bem as lideranças religiosas locais envolvidas com as celebrações de rezas, sessões de cura praticadas pelos pajés, encontros espíritas, folias de santo e outros. Como exemplo dessas práticas e de como elas se materializam entre as populações amazônicas, que, aceitando ou refutando estes rituais religiosos, acabam recorrendo a eles, em busca da cura e paz:

Grávida, a toda hora mal-assombrada com os lacraus, a companheira de Manuel Rodrigues caiu na esteira noites e noites gritando, fazia o devoto de Santo Ivo procurar quanta parteira existisse no rio. Nenhuma dava conta. Mandaram chamar o Capitão Lafaiete que entendia. Chamaram pajé. Era dor, dor, sangue, gritos: meu Santo Ivo, Nossa Senhora do Bom Parto e do Perpétuo Socorro! As parteiras, o tabelião e o pajé não esqueciam a história dos lacraus. Será criança mesmo na barriga da mulher? As parteiras discordavam nas suas suposições: quisto, filho atravessado, filho morto, falta de puxo, Capitão Lafaiete falava em albumina, em parto fora do tempo. O pajé, que a mulher tinha ficado gravidade boto e não de homem, se o filho nascesse devia ser logo atirado no rio, embora tivesse semelhança de gente. Duas crianças caíram na esteira, tão roxos, dois anjos que não nasciam para o mundo (Jurandir, 2008: 128-129).

Nesta perspectiva religiosa, assim como a presença do catolicismo é bastante aceita entre os povos amazônicos, a pajelança, também faz parte dessa realidade cultural, segundo Maués (2007: 160).

A pajelança, mais do que o catolicismo popular e mais ainda do que o espiritismo e o protestantismo, encontra-se mesclada com a magia e a medicina popular... e a magia implica em representações que se às vezes ligadas de alguma forma, ao cristianismo, sobretudo em sua versão católica, tem a ver com a medicina popular com a cura e/ou provocação de doenças e outros meios (ou benefícios).

Ainda sobre esta concepção híbrida de identidade cultural, que fundamenta a vida dos habitantes marajoaras, com seus valores, estilos, formas de pensar, que se estende a uma diversidade de outros grupos sociais, Jurandir (2008) focaliza também, a existência da pajé Nhá Leonardina e do então pajé mestre Jesuíno. Este, por causa, do seu conhecimento e sabedoria popular, era visto como um dos melhores curandeiros da região e até os fazendeiros se rendiam ao poder do mestre:

Nas últimas semanas, Manuel Raimundo piorava e o patrão se cansara de ouvir as filhas do velho insistirem que os remédios estavam matando o pai e ali só mesmo o poder do mestre Jesuíno. Não era o pajé que curava? Não era o mestre curador? Ouvira sua história, suas curas, seus

milagres, o fumo de seu cachimbo secava as feridas, o som de sua voz abrandava as dores. – pois aqui tem mais um doente. [...] mestre Jesuíno dizia, apenas, “sim Senhor” mandou o fazendeiro entrar. [...]. Mestre Jesuíno tudo recebia com um respeito, uma inocência, uma tranqüilidade (Jurandir 2008: 407-408-414).

No romance, as pessoas acreditavam que em alguns casos de doença, só o poder do mestre Jesuíno poderia fazer milagre e curar, como diziam as pessoas, na Vila de Ponta de Pedras: “com o fumo do cachimbo secava as feridas, o som de sua voz abrandava as dores”, (Jurandir, 2008: 406). A fé na força do pajé era tanta que atraía gente de longe que vinha com esperança de ser curada durante as sessões realizadas na residência do pajé.

Para o poder do mestre não existiam diferenças sociais, a fé na pajelança reunia pessoas representantes das mais diversas classes sociais como:

O pescador, o branco fazendeiro, oficiais de polícia, advogados, senhoras finas carregando mau-olhado na alma e tumores no útero, pessoas apessoadas ou maltrapilhas que chegavam de Belém, desenganadas pelos médicos, iam buscar remédio com o mestre Jesuíno (Jurandir 2008: 408).

Para os estudiosos de religião, na Amazônia, os acontecimentos narrados por Dalcídio Jurandir traduzem as práticas religiosas cotidianas destas sociedades marajoaras. A todo esse poder que envolve fé e cura, daqueles que acreditam na força sobrenatural manifestada por meio dos rituais pajéísticos, Maués (1990: 33) atribui:

Há todo um conjunto de seres sobrenaturais, os “encantados” que segundo se diz, são gente de carne e ossos como nós, vivendo em cidades subterrâneas e subaquáticas (“no fundo”) ou na mata e que podem permanecer invisíveis aos nossos olhos ou manifestar-se sob forma humana ou animal. Esses encantados... manifestam-se através do fenômeno de possessão, “incorporando-se” nos *pajés* (xamãs) para tratar dos doentes.

Era imerso nesta prática religiosa, atribuída a xamãs, que mestre Jesuíno mostrava todo o seu poder sobrenatural à sociedade marajoara. Na narrativa dalcidiana, ele dava aos doentes e às pessoas que nele acreditavam a esperança de cura para os males que a ciência não podia curar, assim como tranqüilidade à vida espiritual.

### **Nhá Leonardina, uma pajé marajoara**

Como bem nos mostra a obra *Marajó*, nestes espaços de sessões de cura a presença da mulher, assumindo a função de pajé, ainda era restrita. Sabe-se que de acordo com a tradição cultural de algumas comunidades indígenas, só os homens

poderiam exercer essa função. No romance, a história de Nhá Leonardina era peculiar à sociedade da época. Diziam em Ponta de Pedras que:

- Quem primeiro conheceu Leonardina foi o boto.
- Conheceu?
- Sim, conheceu, quem primeiro fez vivência com ela foi o boto. Leonardina amarrou o casco na aninga perto do Moirim e esperou pororoca estourar nas pedras. Em vez de pororoca veio o boto que soprava para a lua minguante. Leonardina fez vivência com o bicho debaixo das pedras onde nasce a pororoca. Daí o poder que ela tem (Jurandir 2008: 295-296).

A pajé era temida na região, pela força física que possuía. Na ficção construída em *Marajó*, os moradores de Ponta de Pedras diziam que Leonardina andava sempre com uma faca americana, “dava em homem”. Seu corpo era cheio de curvas, à semelhança do rio Arari, que banhava a região. Sua fama corria além dos campos do Marajó.

Leonardina benzia o gado do Coronel Coutinho, defumava as marcas da propriedade, os malhos da castração, cordas, selas, relhos, porteiras e pedia à “ave” que aumentasse os rebanhos, a saúde, a riqueza do Coronel [...]. Coronel não escondia o seu temor diante da fama de sua amiga, lhe trazia presentes da cidade, carne de gorda, rede de varanda rendada, cachimbo novo, palha para a barraca (Jurandir 2008: 292).

Durante as sessões de cura realizadas por Leonardina, ela dançava e cantava evocando caruanas e almas do fundo d’água. Pelo fato de ser do sexo feminino, a pajé era considerada por muitas pessoas como uma simples feiticeira, a ponto de ser ameaçada por um homem chamado Ramiro, que prometera dar-lhe uma bofetada para tirar o encanto, durante uma sessão de cura, pois ele não acreditava no seu poder de pajé. Mas Leonardina mostrou ao vaqueiro, com um simples toque de maracá e um sopro de fumaça bem no rosto dele, que, apesar de ser uma mulher, ela também era capaz de exercer o ofício de pajé e ser respeitada pela sua condição. “Melhor do que ela só mesmo o Mestre Jesuíno” (Jurandir 2008: 294).

Diante desta realidade, que evidencia uma vasta presença das múltiplas linguagens culturais e religiosas no mundo marajoara pode-se inferir que, ainda, segundo Maués (1990: 34), “o catolicismo, pajelança, espiritualismo e outros se unem em graus variáveis para formar o corpo de crenças e práticas mágico-religiosas da população amazônica”. O que, por outro lado, resulta num ambiente imbricado de instituições, ideias e valores historicamente constituídos, no que hoje, conhecemos como cultura popular marajoara. Por isso:

Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais [...]. Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em

relação à outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética (Cucho 2002: 183).

Neste sentido, podemos considerar que a literatura dalcidiana revela com grande êxito ao leitor, um cenário amazônico de múltiplas linguagens culturais, que se constroem historicamente, pelas diferenças sociais, políticas e econômicas, caracterizando a formação identitária de uma população que, como podemos perceber, no romance *Marajó*, através das personagens aqui analisadas, vive imersa em uma realidade que se modifica constantemente.

### Considerações Finais

Segundo Neves (2009), o encontro das diferentes culturas religiosas, no Brasil, tem se firmado por meio espirituais e materiais, desde o período da nossa colonização. Com a chegada dos povos europeus no século XV, a participação da Igreja Católica foi efetiva nesse processo. Os primeiros padres jesuítas que chegaram às terras brasileiras tinham um objetivo claro: instituir a fé cristã, submetendo os povos colonizados à religião católica.

Com o longo, violento e heterogêneo processo de colonização, as sociedades indígenas que habitavam o Marajó, na foz do rio Amazonas, passaram a ter contato sistemático com os colonizadores portugueses e com diferentes grupos de africanos, que chegaram à região levados pelos portugueses. As consequências de tantos acontecimentos históricos que envolveram estas diferentes populações e seus divergentes interesses acabaram por instituir, a partir de tensões, resistências e lutas das populações locais, os discursos portugueses como oficiais na região, modificando-se naquilo em que as condições históricas e ambientais exigiam (Torres & Costa 2006: 111).

Para descrever as religiões que se encontram em terras amazônicas é necessário abordar: as diferentes espiritualidades indígenas; os diferentes tipos de cristianismo; os diferentes grupos espiritualistas. Para cada item destes existe uma série de subgrupos espalhados em diferentes regiões, em diferentes tempos, por tudo aquilo que chamamos de Amazônia (Figueroa 2002).

Em referência ao contexto religioso amazônico, Figueroa (2002) enfatiza a presença de diferentes grupos, com identidades culturais diversas, que se sustentam socialmente, por meio materiais e espirituais nas mais diversas experiências de vida. Neste sentido, podemos inferir que, embora os mais diferentes processos culturais religiosos tenham se intensificado no contexto amazônico, as práticas religiosas que se constituem a partir destes processos também estão relacionadas às cosmologias indígenas e africanas, silenciadas pela presença do colonizador. Renato Ortiz, que define a categoria de mundialização em contraponto às práticas locais, (1994: 27), afirma que uma cultura mundializada não implica no apagamento das outras manifestações culturais, na verdade, ela coabita e se alimenta das culturas locais.

Diante deste contexto amazônico, podemos apreender que a peculiaridade cultural da população marajoara, está mesmo no fato de ser diferente. Como disse (Gallo 1980: 29) “só vivendo aqui é possível descobrir o que de fato é exclusivo. É o

relacionamento, uma espécie de conexão misteriosa que associa homens e coisas, formando um mundo à parte”.

Por fim, a descoberta deste mundo marajoara é sempre significativa, visto que a pluralidade de valores e saberes está implícito nas linguagens religiosas e na vida sociocultural desta população, a qual, segundo (Holanda, 2006: 127), “não pode ser compreendida sem levar em consideração a interação, mítico e não mítico, na sua formação cultura”. Pois são fatores valorosos que, de certa forma, justificam a identidade deste povo, que (Dalcídio Jurandir 2008: 17) chama de “aristocracia de pé no chão”.

Com suas particularidades locais, mas bem no modelo do que se impôs pela colonização portuguesa na América do Sul, as experiências culturais religiosas nestas zonas de fronteiras e tensões também se intensificaram no Marajó. No contexto amazônico, o encontro das religiões indígenas, católicas, protestante e espíritas e pajeísticas, muito bem descritas por Dalcídio Jurandir em seu romance *Marajó*, fazem parte da vivência da maioria da população. Manuel Rodrigues e sua entrada no espiritismo, Mestre Jesuíno e seu poder de cura e Nhá Leonardina, temida até por Coronel Coutinho, o grande fazendeiro da região, representam com muita clareza, esse processo de interação, resistência e aceitação das diversas práticas religiosas, que permeiam o cotidiano marajoara.

#### RELIGIOUS IDENTITIES IN THE NOVEL *MARAJÓ*, BY DALCÍDIO JURANDIR

**Abstract:** The novel *Marajó* is one of the most important works of Dalcídio Jurandir, Amazonian writer, identified by critics as one of the canons of Amazon literature expression. The story of the book takes place in the city of Ponta de Pedras, in Marajó archipelago, located at the mouth of the Amazon. This book and nine other novels of the writer compose the "Cycle Far North" and reveals, with literary primacy, the historical and cultural complexity of the region. Here, we will take as the object of study, specifically, religious practices and their cultural diversities, from the characters Manuel Rodrigues, Master Jesuíno and Nhá Leonardina. We consider the romance genre as a universe of multiple languages, which presents the reader, sociocultural conditions can reveal, in great detail, the cultural practices of societies at different historical moments. Also we have considered in the discussions that propose the identity as a process always under construction, which fits into a tension between the local and the global. Finalizing our references, we seek to support the work of scholars in Dalcídio Jurandir and researchers who investigated the religious practices in the Amazon. The construction of the three characters lets see how the religiosity of these populations constitute Marajoaras with religious practices established by the Portuguese colonization and indigenous cosmologies, African and other traditions that have come and are still coming to the region.

**Keywords:** cultural identity; society; religiosity; Dalcídio Jurandir; *Marajó*.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini et al. 4 ed. Unesp, São Paulo, 1998.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru, 2002.

FIGUEROA, Ana Claudia. *Presença Religiosa na Amazônia*. Porto Velho, 2002. Disponível em: <[http://www.amazonia2002.de/porto\\_velho\\_claudia\\_figueroa.html](http://www.amazonia2002.de/porto_velho_claudia_figueroa.html)>, acesso em 2011.

GALLO, Giovanni. *Marajó: a ditadura da água*. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, 1980.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. In: Comunicação & Cultura – A cor dos media. Vol. 01. Portugal: Universidade Católica Portuguesa, quimera, primavera-verão, 2006.

HOLANDA, Silvio. *Mito e Sociedade em Dalcídio Jurandir: anotações em torno de Marajó*. In: Leite, Marcus Vinnicius, Belém, Unama, 2006.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Belém: Cejup / Secult, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marajó*. 4 ed. Belém: Edufpa; Rio de Janeiro: casa de Rui Barbosa, 2008.

CLARET, Martin. *A Essência das Religiões*. *Enciclopédia Nova Barsa*, v. 12, p. 10, Rio de Janeiro, 2005.

MAUÉS, Raymundo Herald. *Religião e medicina popular na Amazônia: a etnografia de um romance*. Belém. *Revista Antropológica*, ano 11, v. 18, n. 2, pp. 153-182, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1990.

NEVES, Ivânia dos Santos. *A invenção do índio e as narrativas orais Tupi*. Campinas, SP, 2009.

NUNES, Benedito. *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia*. *Literatura & Memória*. Belém Pará, SECULT/FCRB/IDJ, 2006.

NUNES, Paulo Jorge Martins. *Útero de areia, um estudo do romance 'Belém do Grão-Pará'*, de Dalcídio Jurandir / Paulo Jorge Martins Nunes. Belo Horizonte, 2007.

\_\_\_\_\_. Limiares entre o nacional e o universal, um caso de outridade na Amazônia de Dalcídio Jurandir e Mario de Andrade. In: *Leituras dalcidianas*. Leite, Marcus Vinnicius, Belém, Unama, 2006.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. 2 ed. Belém: Eduepa, 2008.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. 3 ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

PACHECO, Agenor Sarraf. *História e Literatura no Regime das Águas: Práticas Culturais Afroindígenas na Amazônia Marajoara*. Belém: Unama, 2009.

\_\_\_\_\_. *Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: narrativas práticas de cura e (In) tolerâncias Religiosas*. Belo Horizonte. VL. 8, 2010.

PARÁ, Carlos et al. O Chão Vermelho de Dalcídio Jurandir. *Revista Pzz, Arte política e cultura* - ano III- n. 6, 2008.

TORRES, Haroldo; COSTA, Heloisa. *População e meio ambiente: debates e desafios*. 2 ed. Editora Senac. S. Paulo, 2006.

VIDAL, Elizabeth de Lemos. *Memória e Identidade em Marajó, de Dalcídio Jurandir*. Vol. 6, pp. 85-92, Belo Horizonte, 2003.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 31/03/2014 E APROVADO EM 30/04/2014